

A SEXUALIDADE À LUZ DA LOGOTERAPIA: UMA PROPOSTA PARA A VIDA MATRIMONIAL

Rafael Renatino Canevarolo

<http://lattes.cnpq.br/2298683544173460>

Danilo Vasconcelos de Souza

Diego Vaz Araújo

Leonardo Almeida Pereira

Resumo: Exposição da visão de Viktor E. Frankl sobre o reducionismo psíquico de Freud e Adler. Frankl propõe a vontade de sentido como solução para o vazio existencial causado pela vontade de prazer e pela vontade de poder. O presente artigo mostra que a sexualidade, quando vivida com responsabilidade, e, quando vivida de forma transcendente, pode ser uma forma de realizar valor. A sexualidade quando tensionada por uma pressão psicodinâmica, deságua em águas rasas tendo como resultados as neuroses sexuais e o vazio existencial. Quando a motivação para a relação com o outro é a tensão noodinâmica o resultado encontrado é realização de valores e o encontro com o sentido. O sentido realizado através da sexualidade, visando à pessoa que está para além da sua própria estrutura antropológica, concretiza a união de duas personalidades que são unas em si mesmas em uma só carne na relação matrimonial.

Palavras-chave: Viktor Frankl; Vontade de Sentido; Matrimônio; Sexualidade.

Abstract: Exposition of Viktor E. Frankl's vision of the reduced forms of what sexuality is in the views of Freud and Adlers. Frankl proposes the will to meaning as a solution to the existential void caused by the will to pleasure and the will to power. We seek to show that sexuality, when lived responsibly, and when experienced in a transcendent way, can be a way of realizing value. Sexuality, when tensioned by a psychodynamic pressure, flows into shallow waters, resulting in sexual neuroses and existential emptiness. When the motivation for the relationship with the other is the noodonamic tension, the result is the realization of values and the encounter with meaning. The meaning realized through sexuality, aiming at the person who is beyond his own anthropological structure, materializes the union of two personalities that are one in themselves in one flesh in the marriage relationship.

Keywords: Viktor Frankl; Will to meaning; Marriage; Sexuality

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em uma sociedade onde a busca por sentido se perdeu na tentativa de acompanhar uma visão reducionista do que é a Pessoa humana. A proposta da psicanálise freudiana no início do século XX abriu as portas da ciência para a psicologia e, fazendo uso dela, negou todo o passado já formulado pelos pensadores antigos sobre o entendimento da psique humana. É inegável que Freud alcançou uma parte importante e verdadeira sobre o que é a pessoa humana, mas reduzi-la à meras respostas ou repressões, como se fosse algo inerente à psique, tira do indivíduo a sua liberdade e por consequência a sua responsabilidade.

Adler avança no seu entendimento propondo que o indivíduo responde às necessidades do meio com a busca pelo poder. Ele não nega a Freud mas entende que o homem satisfaz as necessidades do seu subconsciente com uma imposição social, principalmente através do dinheiro.

Viktor Frankl não nega essas escolas anteriores, mas entende que a Pessoa Humana é livre e responsável e que, apesar dos impulsos e repressões, ele é livre para agir e responsável pelas consequências dos seus atos. Frankl, através da sua proposta ontológica, entende que o homem pode agir não em função de, mas sim, apesar de.

A proposta deste trabalho é, através de uma revisão bibliográfica das obras de Frankl, trazer a visão da logoterapia sobre as consequências do sexo quando vivido como vontade de prazer e poder e quando vivido como vontade de sentido. Como as vontades de prazer e poder podem levar ao vazio existencial e a neuroses sexuais e como a vontade de sentido é a solução para essas

questões.

A sexualidade, quando vivida para além de si, quando se coloca para o outro, se torna um meio onde a tensão noodinâmica acontece. Estando para o outro, ela pode realizar valor e assim encontrar o sentido, como acontece no amor matrimonial.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 - Vontade de prazer e vontade de poder

2.1.1 A vontade de prazer

2.1.1.1 Reduccionismo freudiano

Sigmund Freud foi um gênio inegável porém a sua teoria sobre a psique humana se mostrou deficitária. A psicanálise entende parte da composição ontológica da pessoa humana mas, ao reduzi-la, influenciou as escolas de psicologia que vieram a posteriori.

Há, também, uma diferença entre o que Freud acreditou ter achado e o que ele, de fato, encontrou. Ele acreditou que o homem poderia ser explicado por meio de uma teoria mecanicista e que seu psiquismo poderia ser curado por meio de técnicas. Mas o que ele atingiu foi algo diferente, algo ainda defensável, desde que nós reavaliemos seu empreendimento à luz dos fatos existenciais. (Frankl, 2021, p. 20).

Para Sigmund Freud o ser humano se resume às respostas que a consciência/ego, dá aos instintos do subconsciente, id, sendo essa reprimida pela moral social vigente, superego.

O recalque vai se materializando pelo aumento de consciência. O material recalcado deve fazer-se consciente, ou, como o próprio Freud pôs, onde era o id, o ego deve advir. Livre da ideologia mecanicista do século XIX, relida pela filosofia existencialista do século XX, pode-se dizer que a psicanálise pode fornecer subsídios para que o homem se auto compreenda melhor. (Frankl, 2021, p. 21).

Viktor Frankl não nega a importância da psicanálise nem as descobertas de Freud sobre

o inconsciente e a sua manifestação, mas demonstra, através da sua proposta ontológica tridimensional, que a pessoa humana não se resume a meras respostas ou repressões do seu subconsciente e que, apesar disso, ela é sempre livre para responder aos chamados que a vida lhe faz.

O ser humano não é livre de condicionamentos, sejam eles de natureza biológica, psicológica ou sociológica. Mas, ele é, e sempre permanece, livre para tomar uma posição diante de tais condicionamentos; ele sempre conserva sua liberdade para escolher sua atitude perante esses condicionamentos, O homem é livre para elevar-se sobre o plano dos determinantes somáticos e psíquicos de sua existência. (Frankl, 2020, p. 23).

2. 1.1.2. – Princípio auto-anulativo

A vontade de prazer, quando colocada em prática, acaba por provocar um efeito auto anulativo, o prazer e a felicidade só são encontrados como efeito final numa realização de sentido. A satisfação rápida que o ato sexual proporciona acaba por anular e dificultar o próprio prazer. O indivíduo é levado à aumentar os estímulos para poder alcançar mais prazer e assim acaba por ser tornar adicto em sexo e pornografia.

Não me canso de afirmar que a vontade de prazer constitui, na verdade, um princípio auto anulativo, na medida em que, quanto mais alguém se esforça para obter prazer, menos prazer consegue, isso se deve ao fato fundamental de que o prazer é um subproduto, ou efeito colateral da realização de nossos esforços, mas ele se destrói e se deteriora na medida em que é transformado num objetivo ou um alvo. Quanto mais o homem mira no prazer, por meio de uma intenção direta, mais ele erra o alvo. E esse, arrisco-me a dizer, é um mecanismo que subjaz, etiologicamente, à maioria dos casos de neuroses sexuais. (Frankl, 2020, p. 25).

2.1.1.3 – Princípio da homeostase

Quando o ser humano está preocupado apenas em saciar o seu apetite concupiscível, sem preocupação em responder de forma livre e responsável as respostas que a vida lhe faz, ele foge da tensão noodinâmica e acaba por cair na zona de homeostase.

Pode-se também dizer que o princípio do prazer é, em si mesmo, mera extensão a serviço de um conceito mais amplo conhecido como princípio da homeostase. Em última análise, o conceito psicodinâmico de homem apresenta-o como um ser basicamente preocupado com a manutenção ou restauração de seu equilíbrio interno, de modo que, para fazer isso, ele está sempre buscando gratificar seus impulsos e satisfazer seus instintos. (Frankl, 2020, p. 27).

Para Freud, “o ser humano está sempre em busca da restauração deste equilíbrio interno e o alcança através dos prazeres ou da repressão dos mesmos”. Frankl fala da vontade de sentido como um movimento que tira o homem dessa zona de conforto e, através dessa tensão, proporciona sentido.

E essa é, precisamente, a razão pela qual falo de uma vontade de sentido em vez de uma necessidade de sentido ou de um instinto de sentido. Se o

homem fosse realmente impulsionado ao sentido, ele embarcaria na realização de sentido apenas com o propósito de livrar-se desse impulso, com o intuito de restaurar a homeostase dentro de si. Ao mesmo tempo, contudo, ele já não estaria realmente preocupado com o sentido em si, mas com o próprio equilíbrio, ou seja, em última análise, consigo mesmo. (Frankl, 2020, p. 28).

2.1.1.4 – Conceito de autoatualização

A psicanálise traz o entendimento que o homem encontra a felicidade através do entendimento a si mesmo e assim consegue ter o controle de suas ações. Quanto mais o ego conhecer o seu id mais ele poderá sacia-lo ou reprimi-lo e assim encontrar o equilíbrio, o autoconhecimento e a autorrealização. Frankl se opõe a esse conceito quando diz que o sentido só pode ser encontrado para além de si mesmo, em um algo ou alguém, que não se encerra em si.

Talvez agora tenha ficado claro que um conceito como o de autoatualização ou de autorrealização não forneça uma base suficiente para uma teoria motivacional. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que a autorrealização, assim como o poder e o prazer, também pertence à classe de fenômenos que só podem ser obtidos como efeito colateral e que se prejudicam na medida em que, precisamente, se tornam objeto de uma intenção direta. Autorrealização é uma coisa boa; contudo, defendo que o homem só pode realizar-se a si mesmo na medida em que realiza sentido. Dessa forma, a autorrealização acaba por ocorrer espontaneamente. Ela é dificultada quando se transforma em um fim em si mesmo. (Frankl, 2020, p. 28).

2.2 – A vontade de poder

2.2.1 – Determinante psíquico

Quando o ser humano encontra o prazer na vontade de poder, seja através do dinheiro ou da sexualidade fala-se de uma dimensão psíquica. Adler, assim como Frankl, não nega Freud mas entende que a pessoa humana encontra a felicidade através de uma vontade de poder.

No início deste capítulo, afirmei que o prazer sexual pode bem funcionar como um mecanismo de escape da frustração existencial. Nesses casos, em que a vontade de sentido é frustrada, a vontade de prazer se impõe não apenas como uma derivação da vontade de sentido, mas também como uma substituta para ela. A vontade de poder, por sua vez, serve, paralelamente, a um propósito análogo. Apenas quando a preocupação original com a realização de sentido é frustrada, é que alguém concentra seus esforços na obtenção de prazer ou concentra-se com a conquista do poder. (Frankl, 2021, pg 121).

Frankl concorda com a camada psicossocial em sua estrutura ontológica mas, assim como a psicanálise, não reduz o ser humano a apenas respostas ao meio. Ele entendia que o ser humano precisa do poder como um meio para alcançar o sentido, mas não se esgota ali.

Uma vez que a vontade de dinheiro assuma o controle, a busca por sentido é substituída pela busca de meios. O dinheiro, em vez de permanecer em sua condição de meio, torna-se um fim, deixando de servir a um propósito. (Frankl, 2021, p. 121 - 122).

2.2.2 - O meio e o fim

A vontade de poder, como visto por Adler, se torna o propósito final. A zona de homeostase só é encontrada com a aquisição deste poder, dinheiro. Frankl propõe que a vontade de poder como um meio para que a vontade de sentido ocorra. O poder se torna um caminho para a obtenção do sentido da vida não se encerrando em si mesmo.

Qual seria, então, o sentido do dinheiro, ou ainda, o sentido de possuir dinheiro? A maior parte das pessoas que o possui é, na verdade, possuída por ele, pela obsessão em multiplicá-lo, o que, conseqüentemente, anula o seu sentido. Ora, possuir dinheiro deveria, na verdade, significar que alguém se encontra numa posição em que não seja necessária uma preocupação maior com os meios (dinheiro), mas sim com a busca dos fins em si mesmos - os fins aos quais o dinheiro deveria servir. (Frankl, 2021, p.122).

2.3 - A vontade de sentido

2.3.1 - A essência do ser humano

O ser humano essencialmente, ou pelo menos originalmente (gênesis), se move e é movido pela vontade de sentido, ou seja, o homem é um ser que deseja profundamente encontrar um sentido em cada situação de sua vida e em toda a sua existência, desejando depois realizá-lo com esforço esse mesmo sentido, atualizando em sua vida o melhor cumprimento possível de sua existência, aproximando-se cada vez mais do seu “Eu-ideal”.

Esse “eu-ideal” torna-se o seu “dever-ser”, causando assim uma tensão existencial fecunda entre o ser, aquilo que ele é, e um sentido que ainda está por realizar, aquilo

que ele deve ser. O ser humano necessita desta tensão bem dosada para motivá-lo a agir de acordo com a sua autorrealização. O homem só é capaz de realizar-se à medida que cumpre um sentido.

Como o bumerangue volta para o caçador que o arremessou, quando falha o alvo, assim também só propende para a autorrealização o homem que, antes de tudo, fracassou no cumprimento do sentido, e que talvez nem sequer fosse capaz de encontrar o sentido que vale a pena realizar. (Frankl, V.2015, p. 66).

Não seria isto um idealismo neurótico? Não estaria a exigir demais da pessoa humana? Não é um idealismo e sim antes um realismo. Não se pode subestimar o ser humano, pois se exige dele o que deve ser, se fará dele o que ele pode ser e se o aceita como ele é, então poder-se-á torná-lo pior do que é.

Portanto, a autorrealização é essencialmente um efeito colateral da plenitude de sentido, da transcendência de si mesmo, o que constitui um dos aspectos básicos de um fenômeno antropológico fundamental. A autotranscendência consiste no fato da pessoa humana sempre “apontar” para além de si mesma, na direção de uma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama. À medida que a pessoa se autotranscende, é a medida de sua realização, é saindo de si mesma que é possível a autorealização, aplicando-se a uma obra, mas também encontrar-se com outro ser humano, amando-o sob forma de um “tu”. Ambos, a realização de uma tarefa e o encontro, dão ao homem um motivo para a felicidade e para o prazer.

A capacidade que o olho tem de perceber o mundo que o cerca depende diretamente da sua incapacidade de perceber a si mesmo. Quando é que o olho é capaz de enxergar-se, se prescindirmos do espelho? Somente quando está afetado de catarata: neste caso, não vê senão nuvens, enxerga apenas a sua própria doença; ou, se vir ao redor de uma fonte de luz como de uns círculos irisados, estará vendo o seu próprio glaucoma. Sempre que puder olhar para si mesmo, será porque está com a capacidade visual prejudicada. O mesmo se pode dizer do ser humano como um todo: a existência humana se distorce na mesma medida em que gira em torno de si própria, em torno de alguma coisa que esteja dentro dela ou a ela ligada. Assim como o olho não tem que ser capaz de não reparar em si próprio, o ser humano - se quiser ser realmente humano - tem de ser capaz de passar-se por alto. Tem que ultrapassar-se, esquecer-se de si próprio, dedicar-se com um autoesquecimento positivo a uma tarefa ou a uma pessoa. E é somente na medida em que faz – pois é patente que nem sempre o faz – que se torna humano e se torna inteiramente ele mesmo. (Frankl, 2016, p. 25).

2.3.2 - O sentido do amor

Para encontrar o sentido na vida, sendo ele único, irrepetível e intransferível, Viktor Frankl elenca três principais vias: valores de criação (o que o homem dá ao mundo em forma de suas obras de criação), valores de experiência ou vivenciais (o que recebe do mundo em forma de experiências e de encontros) e valores de atitude (postura que se adota diante da vida, quando o destino não pode ser mudado). São esses valores universais de sentido, que se cristalizam nas situações típicas que a humanidade tem de enfrentar.

O valor vivencial é o que melhor se enquadra na vida matrimonial, e em primeiro lugar, é necessário a descoberta de um “tu”, ou seja, de uma outra pessoa única, irrepetível

que contém também um sentido de vida intransferível, é preciso esse encontro de duas pessoas, onde o amado é essencialmente captado como um ser irrepetível e único, um Tu acolhido no eu, um caminho de amor ou melhor um caminho de ser-amado.

É nesse caráter de singularidade e intransmissível do encontro, que o sentido do amor se dá no matrimônio, a pessoa é amada pelo que é, pelo valor da sua personalidade, sem mérito algum, pois o amor é graça, não somente por suas qualidades físicas, nem pelas suas qualidades anímicas, mas antes por ser quem é em sua unicidade e singularidade.

Assim, o amante, ao entregar-se ao Tu, experimenta um enriquecimento interior que transcende esse Tu: o cosmo inteiro torna-se para ele mais vasto e mais profundo na sua valiosidade; resplandece nos raios de luz daqueles valores que só o enamorado sabe ver; pois, afinal, não faz cegos o amor, mas sim videntes – dando aguda visão para os valores. (Frankl, V. 2019, p. 221).

O verdadeiro amor faz com que a pessoa veja com mais nitidez e em profundidade, enxerga as potencialidades valorativas do cônjuge, não vê apenas o que é, mas o seu dever-ser, como o exemplo belíssimo do olho são citado acima, o verdadeiro amor é autotranscendente, é o sair de si em direção a pessoa amada, quem ama assim está são também e dá passos largos a sua autorealização.

3 DISCUSSÃO

As sessões precedentes, a recordar, apresentaram a “Vontade de Prazer” de Sigmund Freud; “Vontade de Poder” de Alfred Adler e “Vontade de Sentido” de Viktor Emil Frankl. Todo o segundo capítulo foi dedicado à Vontade de Sentido, pressuposto para este terceiro capítulo sobre o amor matrimonial como expressão do amor humano, segundo Viktor Frankl e Karol Wojtyla (Papa João Paulo II). Destarte, faz-se necessário enfatizar que tanto Viktor Frankl, quanto Karol Wojtyla foram grandes estudiosos e defensores do amor autêntico e real. Segundo Viktor Frankl (2019, p.136):

Amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-la. Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado.

Frankl clarifica que o amor é condição para se chegar ao conhecimento pleno do outro. Isto levaria o ser humano ao cumprimento de uma missão, a de se tornar um para o outro, mais homem e mais mulher. Fazer crescer é ajudar o outro a moldar-se na sua própria identidade. Complementando esta ideia, é possível dizer que o amor faz com que um esteja sempre à espera do outro, exercitando a paciência própria do artesão, que um dia herdou de Deus.

Nesta mesma linha de pensamento, o teólogo humanista Wojtyla insiste que o ser humano, por ser imagem e semelhança de Deus, é um bem. Ele defende a ideia de que “por causa da sua origem, o ser humano traz inscrito em si que a única postura digna de ação a seu respeito que é o amor. Quando

as relações humanas não são movidas pelo amor, então, ocorre a instrumentalização” (Semem, 2006, p.36).

Após apresentar este intercâmbio de ideias entre Frankl e Wotjyla, abre-se a reflexão sobre o amor matrimonial, considerado uma das possibilidades da auto transcendência humana. Para Frankl, a auto transcendência leva à autorrealização e se relaciona ao sentido para a vida que mais se aproxima do suprasentido. “A entrada na dimensão supra humana, efetivada na fé, funda-se no amor” (Frankl, V. 2020, p. 92).

O amor matrimonial tem a sua origem narrativa no livro do Gênesis das Sagradas Escrituras. O texto se expressa da seguinte forma: “Não é bom que o homem esteja sozinho; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele” (Gn 2,18). A criação do homem consiste na criação da unidade de dois seres. Segundo Wotjyla, 2015, a dualidade manifesta o que, com base em tal identidade, constitui a masculinidade e a feminilidade do homem criado. Esta dimensão ontológica da unidade e dualidade tem, ao mesmo tempo, um significado axiológico. Do texto de Gn 2,23 e de todo o contexto se deduz claramente que o homem foi criado como um especial dom diante de Deus, mas também como um especial dom para o próprio homem (Wotjyla, 2015 p. 53).

Complementando a citação bíblica acima, pode-se dizer que a solidão do homem, na narrativa javista, se apresenta não apenas como primeira descoberta da transcendência particular que é própria da pessoa, mas também como descoberta de uma adequada relação “à” pessoa e, portanto, como abertura e expectativa de uma comunhão de pessoas”.

Sobre a experiência da complementarieda-

de no amor matrimonial, deve haver a liberdade interior do dom, unida sobretudo à inocência. A vontade humana é originariamente inocente e, deste modo, é facilitada a reciprocidade e permuta do dom do corpo, segundo a sua masculinidade e feminilidade, como dom da pessoa. A frase bíblica que descreve esta inocência está em Gênesis: “...Estavam ambos nus, tanto o homem como a mulher, mas não sentiam vergonha” (Gn 2,25).

Ainda sobre a complementariedade, a estrutura masculina e feminina é apresentada desde o início com profunda consciência da corporeidade e sexualidade humana, e isto estabelece uma norma inalienável para a compreensão do homem no plano teológico.

A união conjugal é definida como “conhecer”. No conhecer conjugal, a mulher “é dada” ao homem e ele a ela, porque o corpo e o sexo entram diretamente na estrutura no conteúdo deste conhecimento (...). Exatamente por serem homem e mulher, cada um é dado ao outro como sujeito único e irrepetível como “eu”, como pessoa (João Paulo II, 2014, p. 99-100).

Considerando a importância da complementariedade no amor conjugal, há um outro aspecto a ser considerado de suma importância – o amor esponsal é superior a todas as outras formas de amor e não se refere unicamente às relações de amor humano, mas também à relação do dom de si a Deus. Em outras palavras, esta forma de amor é capaz de realizar o ser humano, porque significa o dom total de si a outra pessoa que é capaz de acolher esse dom e, por sua vez, dar-se sem reservas.

Há ainda uma dimensão profunda que se faz mister apresentar, segundo Wotjyla (2015, p.57):

O amor faz em certo sentido, do outro “eu” o próprio eu (...). O amor une não somente os dois sujeitos, mas permite-lhes penetrar-se assim mutuamente, pertencendo espiritual um ao outro. Em outras palavras, o “eu” se torna em certo sentido o “tu”, e o “tu” o “eu”.

Pensando num diálogo de Viktor Frankl com Martin Buber, pode-se afirmar que na relação com uma alteridade, não há manipulações ou explicações, mas partilha gratuita e despretensiosa de sentidos, uma inter-afeção, uma experiência vivida com o outro, na qual ambos saem transformados. O EU se remete ao TU, e vice versa. É nesse sentido que a relação EU-TU é o modo de ser ontológico e fundante. Todo encontro genuíno é sempre a criação do novo, portanto, toda criação é gerada pela relação EU-TU (Neto e Andrade, 2017).

Maslow em sua obra *Análise do Homem*, colabora ampliando a visão sobre esta relação EU-TU. Segundo ele, “assim como é mister conhecer outra pessoa e suas necessidades reais para se poder amá-la, também é preciso conhecer-se seu próprio eu para entender quais são os interesses deste e como poderão ser atendidos” (apud Neto e Andrade, 2017, p. 123).

A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (João Paulo II, 1981), apresenta em seu número 11:

Por consequência a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação

pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente: se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente.

Esta totalidade, pedida pelo amor conjugal, corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável, que, orientada como está para a geração de um ser humano, supera, por sua própria natureza, a ordem puramente biológica, e abarca um conjunto de valores pessoais, para cujo crescimento harmonioso é necessário o estável e concorde contributo dos pais.

A ideia do parágrafo sobredito se complementa com um dos princípios da *Humanae Vitae* de Paulo VI – o amor conjugal é amor fecundo que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas. O matrimônio e o amor conjugal estão por si mesmos ordenados para a procriação e educação dos filhos. Sem dúvidas, os filhos são o mais excelente dom do matrimônio e contribuem grandemente para os bens dos pais (Paulo VI, 1968).

Na missão de transmitir a vida, homem e mulher devem conformar o seu agir com a intenção criadora de Deus, expressa na própria natureza do matrimônio e dos seus atos. Concluindo este capítulo, após mencionar temas como o amor e a auto transcendência; o amor e a complementariedade; amor e a relação EU-TU e amor e fecundidade, algumas considerações se fazem pertinentes.

Fica claro, ao ler algumas obras de Frankl, que ele propõe uma gradação do amor, que vai da camada superficial (sexualidade) à mais profunda (o amor propriamente dito). Assim, o amor direcionado para a dimensão corpórea proporciona o prazer, e aquele diri-

gado à dimensão psíquica garante a alegria, mas apenas o que caracteriza a dimensão noética é capaz de assegurar que a pessoa amada seja percebida como insubstituível, promotora de felicidade plena.

No entanto, há que se considerar que o amor sofreu ressignificações e revalorizações. Na modernidade, existe um hiato entre o amor e o sexo. Assim, a sexualidade é algo que precisa ser humanizado, pois ela é realmente desvalorizada na proporção em que se desumaniza.

Em seu livro *Sofrimento Humano* (2019, p. 79), Viktor Frankl afirma que:

... no momento em que o sexo não é mais expressão do amor, mas simples meio para um fim, a própria aquisição de prazer é perturbada. Quanto mais o homem corre em busca do prazer, mas este se esquia.(...) O fator que mais contribui para a potência e o orgasmo é o amor.

Wojtyła em sua obra *Amor e Responsabilidade* comenta que também nas relações afetivas o ser humano deve agir segundo o amor, isto é, livremente e responsavelmente. Ele toma a distinção feita por Santo Agostinho, entre *uti* e *frui*, para diferenciar duas posturas do amante diante do ser amado: No primeiro, vê-se a postura de quem considera apenas o próprio prazer, enquanto o outro é mero objeto para a obtenção desse fim; o segundo expressa a postura de quem “encontra o prazer no modo indefectível de tratar o objeto segundo as exigências da sua natureza. O mandamento do amor mostra o caminho para este *frui* nas relações entre pessoas de sexo oposto”. (Wojtyła, 2015).

O fenômeno do amor, segundo Frankl, faz parte daquela meta mais elevada da existência humana, visto que só pode ser adquirida quando voltada para fora de si mesma,

quando transcende o seu interior. Assim, o amor, em princípio, está intimamente relacionado com o sentido da vida. Ele está direcionado para a essência do ser humano, prevenindo-o do vazio existencial.

Enfim, por causa da sua origem, o ser humano traz inscrito em si que a única postura digna de ação a seu respeito é o amor. A verdade é que o amor é a meta última e mais alta a que pode aspirar o ser humano, encontrando o seu sentido da vida no amor matrimonial.

4 CONCLUSÃO

A Logoterapia, terceira escola vienense, permitiu, neste artigo, aprofundar o verdadeiro sentido da sexualidade humana, tão reduzida nos dias atuais, suplantando o sentido do prazer de Sigmund Freud e o sentido do poder em Adler. Num paralelo entre Viktor Frankl e Karol Wojtyła, foi possível enxergar com clareza e maior evidência a riqueza da sexualidade humana como proposta para a vida matrimonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Thiago Antônio Avellar; et al. O amor entre jovens em tempos de ficar: relatos existenciais e demográficos. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 32, n.1, p.112-115, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282022731009>. Acesso em 21/04/2023.

BERNARDES, Camila; MARTINS, Gisllâne. O processo de construção da relação amorosa: um olhar a partir do Existencialismo de Jean-Paul Sartre e da Logoterapia de Viktor Emil Frankl. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/18543>. Acesso em 24/04/2023.

BIBLIA PASTORAL. 18. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, A alegria do amor no matrimônio cristão. Fátima, Portugal, 2019. Disponível em: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-alegria-do-amor-no-matrimonio-cristao/>. Acesso em 24/04/2023.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

_____. *Sede De Sentido*. 5. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

_____. *O Sofrimento Humano*. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____. *O Sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. 6. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 51. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. *Psicoterapia para todos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

_____. *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

_____. *PSICOTERAPIA E EXISTENCIALISMO: Textos selecionados em logoterapia*. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2020.

JOÃO PAULO II. *Teologia do Corpo*. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2014.

_____. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*. Roma, 1981. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em 22/04/2023.

NETO, Valdir Barbosa Lima; ANDRADE, Rafael Rebouças. O encontro existencial em Logoterapia: diálogos possíveis com a dialógica de Martin Buber. *Revista Logos & Existência*, v.6, n.2, 2017. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/32197#:~:text=Resumo,do%20di%C3%A1logo%20genu%C3%ADno%20de%20Buber>. Acesso em 17/04/2023.

OLIVEIRA, Stephan Malta. Angústia, Eros e encontros inter-humanos: por uma clínica existencialista. NUFEN, Belém, vol.13, set/dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000300005. Acesso em: 21/04/2023.

PAULO VI. Carta Encíclica Humanae Vitae. Roma, 1968. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html. Acesso em 21/04/2023.

SEMEM, Yves. A sexualidade segundo João Paulo II. Principia. Portugal, 2006.

SILVA, Flávio Luiz Honorato; et al. As perspectivas de Viktor Frankl e Erich Fromm sobre o amor e a humanidade. Research, Society and Development, v. 10, n. 10, , 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19120>. Acesso em 21/04/2023.

WOJTYLA, Karol. Amor e Responsabilidade. São Paulo: Cultor de Livros, 2015.